

A música na cultura da infância: um estudo de revisão de literatura

Comunicação

GTE08 – Educação Musical na Infância

*Renan Gregório Cruz
Universidade de Brasília
professor.renancruz@gmail.com*

Resumo: Este artigo apresenta um recorte de pesquisa e andamento em um curso de Mestrado Acadêmico em Música. O objetivo é mostrar como a literatura contribui ao refinamento da problemática e questão de pesquisa: como narrativas musicais infantis podem se configurar em arranjos feitos em e para sala de aula? A pesquisa adota a metodologia de uma revisão bibliográfica sistematizada, com base em descritores organizados em cinco quadros temáticos: escuta de narrativas infantis, pesquisas (auto)biográficas e músicas centradas nas crianças; narrativas musicais infantis; criação e expressão infantil na educação musical; e arranjo musical voltado à infância. Os resultados revelam certa escassez de produção que tratem diretamente das narrativas musicais infantis, mas apontam um crescente interesse em valorizar a escuta das crianças e suas formas próprias de expressão. Com base neste levantamento, compreendeu-se que o arranjo musical poderá se configurar como espaço formativo, na perspectiva da musicobiografização.

Palavras-chave: Narrativas musicais infantis. Escuta da Criança. Culturas da infância.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte de pesquisa em andamento em um curso de Mestrado Acadêmico em Música, que visa analisar, por meio da revisão bibliográfica, de que modo a literatura contribui para o refinamento da problemática e questão de pesquisa: como narrativas musicais infantis podem se configurar em arranjo feitos em e para sala de aula?

Com essa finalidade, foram utilizados os seguintes bancos de dados: o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Google Acadêmico. As buscas foram orientadas pela relação dos termos descritores com os resumos de Teses, Dissertações e Artigos acadêmicos. Os descritores foram divididos em cinco quadros organizados para

facilitar a busca por trabalhos relacionado às narrativas musicais infantis, que constituem o objeto desta pesquisa.

Esta etapa da pesquisa busca contribuir com a construção do referencial bibliográfico que fundamente práticas musicais baseadas na escuta das crianças, de modo a entendê-las como protagonistas de sua experiência sonoras e culturais. As buscas realizadas foram orientadas pela relação entre descritores e os resumos de teses, dissertações e artigos acadêmicos, sistematizados nos cinco quadros mencionados acima, voltados à escuta de narrativas infantis e seus desdobramentos no contexto da Educação Musical.

Construindo a busca

Nesta pesquisa foram construídos quadros com os termos descritores utilizados nas buscas, contudo, considerando a limitação de palavras do texto e o recorte de pesquisa a que este artigo trata, foram priorizados elementos extraídos dos quadros e não os quadros em sua inteireza. Os quadros seguiram a seguinte estrutura: quadro 1 – escuta de narrativas infantis; quadro 2 – escuta de narrativas infantis no campo da pesquisa (auto)biográfica e em músicas centradas na criança; quadro 3 – narrativas musicais e narrativas musicais infantis; quadro 4 – criação e expressão infantil na educação musical; e quadro 5 – arranjo musical com foco na criança. Utilizando as plataformas CAPES, BDTD e Google Acadêmico, identificaram-se produções acadêmicas pertinentes à escuta de narrativas infantis, com base em descritores organizados nesses quadros.

No quadro 1, a busca geral resultou em 5.272 trabalhos, e a específica, com filtros, em 367 (redução de 93%). Foram pré-selecionados 24 trabalhos: 4 do Google Acadêmico (2 de educação musical), 11 da BDTD (3 de educação musical) e 9 da CAPES (nenhum da área). A educação musical representou 20% dessas produções.

No quadro 2, a busca por pesquisas (auto)biográficas e músicas centradas na criança identificou, nas buscas gerais, 3.573 e 381.202 trabalhos, respectivamente. As buscas específicas retornaram 95 e 944. Dois novos artigos foram pré-selecionados, ambos da CAPES (um de música e outro de linguística).

No quadro 3, “narrativas musicais” gerou 850 resultados na busca geral e 88 na específica. Selecionaram-se 6 trabalhos: 4 de educação musical (CAPES), 1 de antropologia

(BDTD) e 1 de sociologia (Google Acadêmico). Nenhum resultado foi encontrado para “narrativas musicais infantis”, mesmo com descritores em inglês, contudo, cabe ressaltar que a busca geral ocorreu por meio dos descritores específicos presentes em qualquer parte do texto.

O quadro 4, voltado à criação e expressão infantil na educação musical, encontrou-se 235 trabalhos na busca geral e 13 na específica. Foram selecionadas 3 produções: 1 artigo (CAPES), 1 tese e 1 dissertação (BDTD).

No quadro 5, com foco em arranjo musical voltado à criança, a busca geral encontrou 2.477 trabalhos e a específica, 35. Dois foram pré-selecionados: 1 artigo da CAPES e 1 do Google Acadêmico.

Das 37 produções pré-selecionadas, 31 têm a criança como foco central. Dessas, 53% são artigos, 25% teses e 22% dissertações, demonstrando equilíbrio entre publicações rápidas e pesquisas aprofundadas. Observou-se crescimento na valorização da escuta infantil, especialmente a partir de 2014. Em 2024, o número de produções mais que dobrou em relação a 2009.

Essas produções são interdisciplinares, abrangendo Educação Musical, Artes, Educação, Linguística, Psicologia, Antropologia e Sociologia, evidenciando o fortalecimento das narrativas infantis como objeto de investigação acadêmica.

A escuta da criança

Dentro do quadro de produções com a escuta da criança, nove textos dialogam parcialmente com a pesquisa em questão, sendo cinco da área de Educação, dois da área de Linguística, um da área de Educação Musical, e um da área de Arte. Os da área da Educação compreendem: Castro (2024), Coelho (2016), Ferreira e Ventura (2024), Girardello (2020) e Santos e Lira (2024). Da área de Linguística: Brandão (2015) e Vasconcelos (2016). Da área de Educação Musical: Queiroz (2024). Da área de Arte Pilloto *et al* (2021).

Brandão (2015) traz contribuições sobre a comunicação da criança. Esclarece que a criança, independentemente de sua proficiência linguística, cria seu discurso com vozes “o entrelaçar de vozes e gestos” (p. 09). Em posse desse entendimento, é possível buscar estratégias que estimulem a criação de narrativas infantis, que segundo Vasconcelos (2016),

podem ser as “histórias universais contadas para crianças, e as histórias narradas pelas crianças, como sendo suas histórias” (p. 584). No contexto da pesquisa, as narrativas das crianças serão seus relatos de suas próprias vidas ou recriações que elaboram suas vivências.

Ferreira e Ventura (2024) contribuem com a perspectiva de estímulo de produção de narrativas infantis gerado por métodos de ensino baseados no diálogo, na troca de ideias e na participação ativa das crianças, esclarecem: “estratégias educacionais dialógicas podem impulsionar a criação de narrativas infantis” (p. 100). Fortalecendo essa ideia, Girardello (2020) escreve, em seus resultados, que estratégias precisam “qualificar uma escuta respeitosa, atenta e dialógica” (p. 02).

A partir desses autores, compreende-se que, ao adotar uma postura de comunicação que valorize o diálogo, o respeito e a atenção ao outro, é possível estimular a produção de narrativas e a escuta de si e dos outros. Para criar um ambiente que gere oportunidades como essas, há a necessidade de “ouvir e considerar as percepções das crianças sobre a música em suas vidas, haja vista que elas são protagonistas de suas próprias vidas e têm uma compreensão única e válida de suas experiências” (Queiroz, 2024, p. 09).

Na perspectiva de escuta das crianças, Santos e Lira (2024) destacam a importância de valorizar as trocas de ideias, o diálogo uns com os outros e os significados das histórias e experiências compartilhadas. Por meio dos apontamentos de Santos e Lira (2024) e Queiroz (2024), entende-se que na organização do pensamento dentro da narrativa da criança, enquanto protagonista de sua história, ocorre o fortalecimento de sua subjetividade e de sua relação com o grupo. Dentro desse grupo heterogêneo, cada criança possui sua própria experiência e cultura. Nesse viés, Coelho (2016) esclarece que, a partir da cultura individual, as crianças dão sentido aos acontecimentos na escola. Escreve que “as crianças possuem uma cultura própria na qual significam e constroem sentidos sobre suas vivências no contexto da Educação Infantil” (p. 08). Ainda na perspectiva de cultura, Castro (2024) escreve que “as crianças criam e reproduzem culturas enquanto brincam” (p. 101).

Esses autores contribuem com a proposta de um espaço formativo utilizando arranjos musicais como base para a construção de narrativas infantis. Essa abordagem busca articular as subjetividades das crianças, fortalecendo seu vínculo identitário e senso de pertencimento

ao grupo. Como aponta Pilloto (2021), “a arte e as culturas mobilizam a imaginação, a criação e o sentimento de pertencimento dos envolvidos” (p. 177).

Narrativas musicais infantis

Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre as narrativas musicais infantis, realizou-se uma busca por produções acadêmicas que abordassem essa temática. Durante o processo, ficou evidente a escassez de estudos que tratam diretamente das narrativas musicais produzidas por crianças. Ao utilizar o descritor “narrativas musicais infantis”, não foi localizado nenhum resultado com essa expressão exata no corpo dos textos, mesmo com a versão traduzida para o inglês. Ao empregar sinônimos em português e inglês, observou-se que os textos localizados correspondem a apenas 4,45% em relação ao total de resultados obtidos com o descritor “narrativas infantis” e seus equivalentes utilizados no Quadro 1.

Diante desse panorama e com a intenção de fundamentar teoricamente a investigação sobre as narrativas musicais infantis, foram selecionadas produções que contribuem significativamente para o amadurecimento do objeto de estudo. Entre elas, destacam-se os trabalhos de Morigi e Bonotto (2004), Passeggi et al. (2014), Santos e Lira (2024) e Abreu, Souza e Araújo (2024).

Santos e Lira (2024) apontam que, historicamente, as vozes das crianças foram silenciadas e desconsideradas como agentes sociais ativos na construção cultural. As autoras ressaltam que, por muito tempo, “foram olhadas e descritas pelas lentes dos adultos, os quais se apresentaram como competentes para falar da infância, das crianças, de suas características e de seus interesses” (p. 2435).

Passeggi (2014) destaca que ainda há poucos estudos que posicionam a criança como sujeito de direitos, reconhecendo sua visão de mundo, sentimentos, ações e modos próprios de expressão como legítimos e fundamentais para a vida em sociedade. Em consonância, Santos e Lira (2024) observam que, do final do século XX em diante, houve um crescimento expressivo de estudos que buscam compreender as crianças a partir de suas próprias vozes, especialmente no campo dos Estudos Sociais da Infância. Segundo as autoras, “com o emergir da Sociologia da Infância como campo investigativo preocupado em ouvir, observar, dar voz

às crianças e às suas experiências, busca-se considerar a criança como sujeito ativo e com valor na sociedade” (Santos; Lira, 2024, p. 2435).

Essas autoras também destacam um marco importante na legitimação dos direitos infantis: a Convenção sobre os Direitos das Crianças, adotada pela Assembleia Geral da ONU e, no Brasil, promulgada pelo Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. Tal documento contribuiu para consolidar a concepção de criança como “sujeito histórico, social e de direitos, entre eles o direito de que suas versões sobre o mundo sejam conhecidas e validadas” (Santos; Lira, 2024, p. 2435).

No que diz respeito ao conceito de narrativa, Passeggi et al. (2014) afirmam que “do ponto de vista textual, a narrativa é concebida como uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências, envolvendo seres humanos como personagens da ação” (p. 88). Para Santos e Lira (2024), ao construírem essas sequências singulares, as crianças recorrem a diversas formas de linguagem, tanto antes quanto depois da aquisição da linguagem verbal. Assim, “nas narrativas, elas dispõem de uma pluralidade de formas de se expressar, sejam elas verbal, corporal, lúdica, entre outras” (Santos; Lira, 2024, p. 2438). É nessa multiplicidade de formas de expressão que se insere o foco desta pesquisa: as narrativas musicais infantis.

Sob a ótica das narrativas musicais, Morigi e Bonotto (2004) refletem sobre seu papel como memória coletiva e veículo de afetividade. Os autores afirmam que “as músicas regionais são narrativas que expressam e traduzem formas de pensamento, sentimentos e valores coletivos, ou seja, os costumes e as tradições de um grupo social em uma determinada época e um determinado local” (p. 147). A partir dessa perspectiva, entende-se que as músicas trazidas pelas crianças para o contexto escolar estão profundamente enraizadas nos territórios que habitam ou habitaram, refletindo traços culturais de seus grupos sociais.

No âmbito do ambiente escolar, a pesquisa de Abreu, Souza e Araújo (2024) revelou a viabilidade de construir narrativas musicais a partir das histórias de vida dos próprios alunos. Essa abordagem inspira esta investigação a criar um espaço que favoreça a criação de narrativas infantis – tanto individuais quanto coletivas – mediadas pela linguagem musical. Isso se alinha à afirmação dos autores de que “as narrativas musicais compreendidas como *medium* permitem construir propostas de ensino que levem os alunos à abertura para a

descoberta de si, na relação com o outro e com o mundo, em seus processos de criação” (Abreu, Souza e Araújo, 2024, p. 1).

Com relação à descoberta de si, Passeggi (2014) escreve que “a consciência de si emerge na atividade de biografização, no momento mesmo em que a criança conta o que lhe acontece” (p. 90). Nesse sentido, a noção de *musicobiografização* surge como eixo metodológico que orienta a compreensão de como os sujeitos elaboram suas experiências de vida por meio da música (Abreu, Souza e Araújo 2024, p. 2).

O termo *musicobiografização* deriva do conceito de “biografização” formulado por Alheit (2011), compreendido como “um código pessoal de experiência, uma lógica interna de processamento que só vale para nós” (Alheit, 2011 apud Abreu, Souza e Araújo 2024, p. 2). Nessa linha, entende-se que a *musicobiografização* auxilia na atribuição de significados às vivências ao longo da vida, com a música como elemento constitutivo da identidade e da experiência pessoal. Isso ressoa com a concepção afetiva da narrativa musical apresentada por Morigi e Bonotto (2004), que afirmam: “[...] a narrativa musical traz em seu bojo também uma significação não apenas da ordem do racional, mas também de ordem afetiva” (p. 148). Dessa forma, a musicobiografização envolve tanto uma lógica interna e pessoal da experiência quanto a carga emocional e simbólica que a música carrega.

A partir dessas contribuições teóricas, compreende-se que a construção de narrativas musicais com as crianças participantes da pesquisa, além de viável, revela seu potencial significativo para a expressão de sentimentos, pensamentos e valores tanto individuais quanto coletivos. Como destaca Vasconcelos (2016) “a narrativa de si exige um ‘si’ a ser autodescelado, autoconhecido e autorrelatado” (p. 600), o que sugere que, por meio dessas narrativas, as crianças podem desenvolver uma identidade consciente, capaz de observar-se, interpretar-se e expressar-se criticamente.

Arranjo e narrativas musicais infantis

Para aprofundar a compreensão sobre o processo de criação de arranjos musicais a partir das narrativas infantis, recorreu-se aos descritores presentes no Quadro 5. A partir dessa investigação, foram selecionadas as obras de Beineke (2011) e Lemos (2015).

Segundo Lemos (2015), o arranjo consiste na organização estruturada de uma composição musical com o objetivo de adequá-la à execução por um conjunto específico de vozes ou instrumentos. No contexto da pesquisa acadêmica, o arranjo musical é entendido como a sistematização das narrativas musicais produzidas pelas crianças em sala de aula, buscando garantir que elas se reconheçam e se envolvam na interpretação da peça musical coletiva.

Quando se trata da infância, Beineke (2011) traz contribuições importantes para a criação de arranjos voltados ao público infantil. A autora ressalta que a elaboração de música para crianças apresenta distinções em relação à produção voltada aos adultos. Baseando-se em Pescetti (2005), aponta que “é o caráter lúdico de uma música, ou de uma aula, ou de um programa de rádio, que permite que se mantenha o ‘clima infantil’, mesmo quando se apresentam materiais complexos que não são dirigidos exclusivamente às crianças” (p. 11).

Essa reflexão permite relacionar a ludicidade com a escuta ativa das crianças, compreendendo os seus *feedbacks* como elemento essencial para preservar esse “clima infantil” no processo de arranjo. Nesse sentido, Beineke (2011) enfatiza a importância de considerar o que as crianças expressam durante as práticas musicais, escrevendo que “é importante estarmos atentos ao que as crianças nos dizem, pois podemos sempre aprender com elas, que nos dão um retorno vivo e repleto de significações sobre o trabalho que estamos desenvolvendo” (p. 21).

Com base nessas perspectivas, retoma-se a indagação central da pesquisa: de que forma as narrativas musicais infantis podem se configurar por meio dos arranjos musicais construídos em e para sala de aula? Neste processo, torna-se essencial manter uma postura flexível diante das sugestões e devolutivas apresentadas pelas crianças, reconhecendo nelas saberes legítimos e formas de expressão próprias. Assim, compreende-se que o desenvolvimento tanto técnico quanto criativo por parte do professor e dos alunos é indispensável para adaptar os arranjos à realidade do contexto escolar, promovendo o reconhecimento e a participação ativa das crianças. Lemos (2015) reforça essa ideia ao afirmar que, com a habilidade técnica e a criatividade docente [e do discente], “podemos adaptar qualquer canção a qualquer realidade técnica ou de recursos” (p. 2, acréscimos meus).

A música nas culturas da infância

A partir dos referenciais bibliográficos, bem como as orientações no curso de mestrado, foi possível encontrar, no campo da sociologia, as culturas da infância, de Manuel Jacinto Sarmiento, e no campo da educação musical, as músicas nas culturas da infância, presente na tese de Dulcimarta Lemos Lino. Ambas as fontes convergem na ideia de que as crianças são protagonistas ativas na construção de seus mundos e suas culturas, reinventando o real e o tempo através de suas interações e do brincar, sendo a música – nos estudos de Lino (2008) – um elemento central e revelador dessa autonomia.

Em Sarmiento (2004) ocorre o estabelecimento de um arcabouço teórico para compreender a infância como uma construção social com uma identidade e culturas próprias, dotadas de uma "gramática" singular e eixos estruturadores (interatividade, ludicidade, fantasia do real, reiteração). Em seus estudos, a infância contemporânea se distingue por sua capacidade de desviar-se das normas adultas, funcionando como um “entre-lugar”, uma espécie de fronteira onde o passado transmitido pelos adultos encontra-se com o futuro reinventado ativamente pelas crianças, escreve:

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. É por isso que o lugar da infância é um entre-lugar (Bhabha, 1998), o espaço intersticial entre dois modos – o que é consignado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro (Sarmiento, 2004, p. 10).

Lino (2008) apresenta que nas culturas da infância, a música é um campo essencial de formas de socialização, aprendizado e expressão de identidade que se manifestam vividamente. A partir de Garbin (2001), escreve que a cultura é composta pela contínua conexão intrínseca das representações, marcações identitárias, produção, consumo e regulação, formando o circuito da cultura. Esclarece que esse circuito se manifesta através das músicas que entoamos, das narrativas que criamos, dos produtos que consumimos e até mesmo nas emoções e categorizações que atribuímos ao mundo. Nessa perspectiva, escreve:

Considerar a música na e como cultura exige entendê-la como um conjunto de estruturas de significação através das quais os atores plurais interpretam

e dão sentido ao mundo (GEERTZ, 1989), mundo que também pertence às crianças, às suas músicas, às suas histórias, às suas ações, às suas escutas (Lino, 2008, p. 27).

Dessa maneira, Lino (2008) esclarece que a experiência musical é intrínseca à identidade infantil, indissociável do brincar e da socialização, e um veículo poderoso para a agência e a expressão cultural das crianças.

Sobre a concepção de “gramática” própria das culturas da infância, de Sarmento (2004), refere-se a um sistema organizado de regras e significados que as crianças criam para interpretar e interagir com o mundo. Essa gramática não segue necessariamente a lógica adulta, mas tem estruturas próprias, manifestadas em três dimensões interligadas: **semântica** – significados autônomos que as crianças atribuem a palavras, gestos e símbolos; **sintaxe** – lógica de organização dos elementos do mundo infantil, que não obedece à racionalidade adulta; e **morfologia** – formas específicas que os elementos da cultura infantil possuem, constituindo-se em palavras, gestos, rituais e objetos.

Quanto à música da infância, Lino (2008) explica que se trata de um conceito amplo e multifacetado, que vai além de categorias específicas como música folclórica, erudita ou canções de roda. Escreve que “música é ação ou, nas palavras de Small (1977), *musicking*: uma ação que incorpora processos coletivos intersubjetivos e dialógicos, configurando a experiência sonora” (Lino, 2008, p. 29). Nessa perspectiva, entende-se que a música é mais que uma canção ou partitura, envolve uma ação social em que o essencial é o processo de fazer música coletivamente, envolvendo interações, diálogos e significados compartilhados.

Referente aos quatro eixos estruturantes das culturas da infância, Sarmento (2004) esclarece que no eixo da interatividade, as crianças aprendem e formam culturas de pares, apropriando, reinventando e reproduzindo o mundo por meio da convivência e da partilha de atividades, rotinas, valores e preocupações, transmitindo conhecimentos e rituais entre gerações.

No eixo da ludicidade, o brincar destaca-se como uma atividade central e séria para as crianças, essencial para a aprendizagem, a sociabilidade e a produção de fantasias, embora possa ocorrer a padronização e a limitação da imaginação pelos brinquedos industriais contemporâneos. Contribuindo com esses pensamentos, Lino (2008) traz a concepção de que

brincar é sobre viver junto, é viver socialmente. Diz que brincando com música, as crianças aprendem valores, negociam relações, experimentam o mundo.

Lino (2008) declara que “uma das marcas da infância é fazer música brincando, ou brincar fazendo música, ou mesmo brincar e fazer música.” (p. 36). A autora acrescenta que, no campo da educação musical, a capacidade de brincar não se acaba na infância, escreve que brincar “é uma forma de socialização sonora pela qual as pessoas aprendem a criar relações.” (p. 36). Essa socialização sonora pode ser entendida como as relações presentes na performance, no improviso, no tocar junto, entre outros.

O eixo da fantasia do real descreve o modo específico como as crianças transcrevem e reconstróem criativamente a realidade pelo imaginário, dissolvendo a dicotomia entre realidade e fantasia, o que pode ser fundamental para sua inteligibilidade e capacidade de resistência.

Por fim, o eixo da reiteração refere-se à não linearidade do tempo da criança, um tempo recursivo e sem medida, continuamente reinvestido de novas possibilidades, permitindo a recriação de situações e a transmissão de brincadeiras e rituais entre gerações.

Por meio da reflexão desses dois autores, entende-se que as crianças são protagonistas ativas na construção de seus próprios mundos e significados. Sarmento (2004) e Lino (2008) demonstram a autonomia e a singularidade das culturas da infância. A música, nesse contexto, assim como a cultura infantil, é um sistema autônomo de significação que transborda os limites da lógica adulta, constituindo-se como um elemento central, inseparável da brincadeira e da socialização infantil. Nessa perspectiva, Lino (2008) define música como “assimetria inevitável e necessária que interliga e comunga ludicidade para afirmar que o princípio é a experiência com sons” (p. 24).

Considerações finais

Este estudo evidenciou a relevância das narrativas musicais infantis como um campo fértil para investigação na área de educação musical. A revisão bibliográfica mostrou que, embora ainda escassos, os estudos que abordam diretamente as narrativas infantis vêm crescendo e fortalecendo a escuta das crianças como sujeitos ativos socialmente. Com base em referenciais bibliográficos interdisciplinares, compreendeu-se que o arranjo musical pode

se configurar como espaço de formação para a expressão identitária individual e coletiva das crianças, especialmente na perspectiva da musicobiografização. Este processo de configuração da narrativa musical infantil no arranjo poderá revelar seus processos de formação com a música. A pesquisa sinaliza a importância de ambientes formativos atentos à escuta, à ludicidade e à cultura da infância, nos quais a música torna-se meio de expressão, construção de sentido e pertencimento.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Narrativas musicais como prática automedial para a sala de aula. *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, 131604, 2024. Disponível em:

<<https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/290>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2024.

BEINEKE, Viviane. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. *Revista Música na Educação Básica*. V. 3, n. 3, setembro de 2011. Disponível em: <

<https://revistameb.abem.mus.br/meb/index>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

BRANDAO, Soraya Maria Barros de Almeida. *Gestos e fala nas narrativas infantis*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, João Pessoa, 2015.

CASTRO, Kátia Regina dos Santos. Brinquedos e Brincadeiras Cantadas e Narrativas Infantis. *Revista Multidebates*, v.8, n.2 Palmas-TO, abril de 2024. ISSN: 2594-4568, 2024. Disponível em: <<https://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/802>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

COELHO, Ellen Cristine Campos de Souza. *Narrativas Infantis e Processos Formativos: Estudo sobre as significações de crianças sobre suas experiências na Educação Infantil*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2016.

FERREIRA, Letícia Águiar Bento; VENTURA Lidnei. Narrativas Infantis em Podcast: memória, narração e experiências. *Criar Educação*, Criciúma, v. 13, nº2, jul/dez 2024. – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452. 2024. Disponível em:

<https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/7004/Leticia__guida_Bento_Ferreira_16841752424448_7004.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2025.

GIRARDELLO, Gilka. Eu tenho uma coisa pra contar: Inspirações para a escuta das narrativas infantis. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, ano 20, n. 42, p. 01-21, julho/setembro 2020.

Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

LEMOS, João Rafael. Elaboração de arranjos e educação musical. In: *Anais... XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*. Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento. 05 a 09 de outubro de 2015 – Natal/RN. Disponível em: <<https://www.amplificar.mus.br/data/referencias/ver/Elaboracao-de-arranjo-e-educacao-musical>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

LINO, Duldimara Lemo. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. King. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6134749.pdf>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

PASSEGGI, Maria; FURLANETTO, Ecleide Cunico; CONTI, Luciene. CHAVES, Iduina Edite Mont'Alverne Braun; GOMES, Marineide de Oliveira; GABRIEL, Gilvete Lima; ROCHA, Simone Maria. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. *Educação*, Santa Maria v. 39 | n. 1 p. 85-104 | jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11345>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; GAVA, Daiane de Melo; STAMM, Eliana; CLAUBER DA SILVA, Carla. Narrativas e infâncias: tecendo fios de sensibilidades pela arte e cultura. *Rev. Digital do LAV, Santa Maria*, v. 14, n. 1, p. 177-196, jan./abr. 2021. ISSN 1983-7348. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/55215>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

QUEIROZ, Andréa Matias. *Impactos da afetividade em aulas de música [manuscrito]*: o que dizem as narrativas infantis. Tese (Doutorado em Educação Musical) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

SANTOS, Leidiane Aparecida dos; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. As narrativas infantis como possibilidade para reconhecer a atribuição de sentidos pelas crianças. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 10, n. 04, abr. 2024. ISSN 2675-3375. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13624>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

VASCONCELOS, Sandra Maia. A criança e suas narrativas: a (auto)biografia no espelho. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 03, p. 584-602, set./dez. 2016. Disponível em:< <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/62015>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.